



3 - ANTÔNIO MARTINS FILHO

## ANTÔNIO MARTINS FILHO

Filho de Antônio Martins de Jesus e de Antônia Leite Martins, **ANTÔNIO MARTINS FILHO** nasceu no Crato, no dia 22 de dezembro de 1904. Fez os seus primeiros estudos no colégio da Professora Ida Bilhar, continuando-os na Escola dos Empregados do Comércio do Crato. Justamente trabalhando no comércio teve de se transferir para o Maranhão e depois para o Piauí, concluiu em Teresina os preparatórios, prestando exames no Liceu Piauiense, e ingressou na Faculdade de Direito do Piauí, onde se bacharelou em Ciências Jurídicas e Sociais. Regressando ao Ceará, seria durante algum tempo advogado e professor do Liceu do Ceará. Chegou a criar uma editora, e fundou em 1938 a revista *Valor*, periódico eminentemente cultural. Foi professor Catedrático da Faculdade de Direito e da Faculdade de Ciências Econômicas. Doutor em Direito, fundou a Universidade Federal do Ceará da qual foi Reitor durante doze anos. Ainda jovem, havia sido professor e diretor do Ginásio Caxiense, no Maranhão; depois, professor e diretor da Academia de Comércio Padre Champagnat, em Fortaleza. Foi ainda professor da Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, membro do Conselho Federal de Educação, Presidente da Fundação Educacional do Estado do Ceará (FUNEDUCE) e Reitor Pro-Tempore da Universidade Estadual do Ceará. É membro do Conselho Universitário da UNIFOR e Reitor Agregado da UFC, além de Conselheiro para Assuntos Educativos e Culturais da Federação das Faculdades Celso Lisboa, do Rio, e das Faculdades Camilo Castelo Branco, de São Paulo; Assessor Especial para Assuntos Educativos e Culturais da UNIFOR, no Brasil e no Exterior. Pertence a inúmeras associações científicas e culturais, dentre elas o Instituto do Ceará, do qual foi Presidente e agora é Presidente de Honra; também é Presidente de Honra da Academia Cearense de Letras, da qual já foi Presidente; é membro da Sociedade Capistrano de Abreu, do Rio; da Sociedade Brasileira de

*Direito Aeronáutico; da Societé Française de Droit Aérien (Paris); membro titular do Instituto de Cultura Hispânica (Madri) e de várias outras entidades, tendo viajado em missão oficial a vários países das Américas e da Europa. São muitos os seus títulos honoríficos, podendo-se destacar os de Professor **Honoris Causa** da Universidade Federal de Santa Maria (RS) e da Universidade Estácio de Sá (RJ), os de Doutor **Honoris Causa** da Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, das Faculdades Camilo Castelo Branco (SP), da Universidade de Fortaleza, UNIFOR, da Universidade Estadual do Ceará, UECE, da Universidade Federal da Bahia, da Universidade Regional do Cariri, URCA, e da Universidade Federal do Piauí; é ainda Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras N. S. do Patrocínio, de Itu (SP). Não cabe citar aqui todas as medalhas que tem recebido, mas são dignas de destaque a Medalha do Pacificador, do Exército Brasileiro; a Medalha "Mérito Santos Dumont", do Ministério da Aeronáutica; a Medalha da Abolição; a Medalha do Mérito Universitário, no Grau de Grande conselheiro, outorgada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; a Medalha Justiniano de Serpa, do Governo do Ceará; a Medalha Cidade de Fortaleza, da Câmara Municipal de Fortaleza, e a Medalha Rui Barbosa, da Casa de Rui Barbosa (RJ). Entre suas condecorações, citem-se a da Ordem do Mérito Naval, no Grau de Comendador; a da Ordem Nacional do Mérito Educativo, no grau de Oficial; o Grã-Colar da Ordem do Mérito Educacional; a da Ordem de Mérito Nacional de Educação, no Grau de Comendador; a Gran-Cruz da Ordem do Mérito, da República Federal da Alemanha; a da Ordem do Mérito da República da Itália, no Grau de Comendador; a de Cavaleiro Armado da Ordem **Corpus Christi** de Toledo, Espanha, e a de Cavaleiro da Ordem das Palmas Acadêmicas, do Governo Francês, entre muitas outras. Obras publicadas: **Exortação aos Moços** (1938), **O Ceará** (1939), em colaboração com Raimundo Girão, com mais duas edições; **O Cariri - Subsídio para a história da região sul-cearense** (1940), **As Lutas da Independência** (1945), **Rui, o Artista** (1973), **A Presença da Poesia no Mundo dos Negócios** (1978), **Reflexões Sobre Augusto dos Anjos** (1987), com mais duas edições, **Memórias - Menoridade** (1991) e **Memórias - Maioridade**, t. 1 (1993), além de obras didáticas: **Noções de Economia Política** (1942), **Disciplina Jurídica do Comércio Aéreo** (1944), **Limitação da Responsabilidade do***

**Comerciante Individual (1950), etc. e outras versando temas ligados à Universidade, como Uma Universidade para o Ceará (1949), Autonomia das Universidades Federais (1961), O Outro Lado da História (1983) e outros mais. Referindo-se às memórias de Antônio Martins Filho, disse o poeta Francisco Carvalho: "O homem que, na plenitude da maioridade, se transformaria em criador e administrador de universidades, teve um longo e brilhante percurso de conquistas e vitórias. E é justamente sobre isso que ele nos fala nas páginas consagradoras destas memórias, aqui transformadas em verdadeira lição de humanismo e de esperança para reis fracos ou súditos fortes." Havia o poeta aludido ao verso de Camões "Que um fraco Rei faz fraca a forte gente", do que se lembrava Martins Filho, ao comportar-se como líder autêntico, o que faz o poeta cearense concluir: "Como sabiamente escreveu o historiador Raimundo Girão, de saudosa e imperecível memória, o Prof. Martins Filho 'conquistou o seu bronze, e o bronze as intempéries não estragam jamais'."**

## O LADO ALEGRE DA VIDA

Apesar do meu temperamento irrequieto e complicado ou, talvez, por isso mesmo, sempre me pareceu necessário divertir o espírito nos folguedos e diversões usuais ao tempo de minha infância e adolescência.

Não havia, por parte dos nossos maiores, a preocupação de proporcionar à meninada prazeres compatíveis com a sua idade, à maneira do que ocorre nos dias de hoje.

Por isso, eu e os de minha classe teríamos de tomar iniciativas próprias, muitas delas prejudiciais e, conseqüentemente, passíveis de punição por parte da família.

Da família, sim, porque até mesmo os tios julgavam-se na obrigação de acompanhar os nossos passos, numa fiscalização permanente e sistemática. Raras vezes se lembravam de nos levar a um folguedo. No entanto, o cipó cantava impavidamente, se a nossa conduta se desviasse da bitola estreita do código de moral para nós sancionado.

\*

\* \*

Quando esporadicamente aparecia um circo, tínhamos o direito de comparecer a uma ou duas funções. As demais a que quiséssemos assistir, bem caro nos custariam.

Se corrêssemos o risco de pular o arame e "furar" o pano clandestinamente, ficaríamos sujeitos a ser sujigados pela gola e postos fora. Esse método não me tentava muito, pois sempre procurei fugir da camisa de onze varas.

Durante as funções, a assistência dividia-se em dois partidos — o "azul" e o "encarnado" — cada qual representado por uma moça do elenco.

Quando as artistas apareciam na arena, ostentando em seus trajes as vistosas cores que simbolizavam os dois partidos, as palmas reboavam estrepitosamente.

As rivalidades se acentuavam cada vez mais, transformando de modo sensível a fisionomia pacata e monótona da cidade.

Nas últimas representações, dedicadas a cada um dos

grupos, as moças recebiam dos seus partidários medalhas alegóricas, de ouro de lei. Era a maneira distinta da cidade exteriorizar a sua gratidão ao quinhão de prazer que o circo lhe proporcionara.

\*

\* \*

Quanto a mim, em particular, dava preferência ao palhaço de rua, via de regra um tipo loquaz, grotesco e pessimamente indumentado.

Conduzido por um jumento, e de costas dadas para o trajeto a percorrer, esse palhaço dirigia-se à molecada que lhe formava o coro, apregoando a função daquele dia:

Hoje tem ispetáco

— Tem, sim sin-ô

Sete e meia da noite

— Tem, sim sin-ô

Hoje tem goiabada

— Tem, sim sin-ô

Hoje tem marmelada

— Tem, sim sin-ô

Hoje tem arrilia

— Tem, sim sin-ô

Qué de noite qué de dia

— Tem, sim sin-ô

O trabáio da bola

— Tem, sim sin-ô

Assumbindo na rampa

— Tem, sim sin-ô

Hoje tem malacuchia

— Tem, sim sin-ô

Na casa da tua tia

— Tem, sim sin-ô

Hoje tem forrobodó

— Tem, sim sin-ô

Na casa da tua avó

— Tem, sim sin-ô

Ô rái, ô sol, suspende a lua  
— Bravo do paião que já vai na rua  
O paião o que é?  
— É ladrão de muié!  
O paião o que foi?  
— Ladrão de boi!

As famílias afluíam para as calçadas, e quando apareciam as velhas ou algumas pretas, a toada era outra.

Da Bahia me mandaro  
— Adeus, adeus,  
Um presente num canudo  
— Adeus, adeus,  
Uma veia descascada  
— Adeus, adeus,  
E um véio com casca e tudo  
— Adeus, adeus,  
Óia a nêga na janela  
— Tem a cara de panela  
Óia a nega no portão  
— Tem a cara de carvão.  
Téco, teréco, téco,  
— Maravia.  
Pedro pelou a mãe  
— Nagua fria,  
Téco, teréco, téco,  
— Seu tenente  
Pedro pelou a mãe  
— Nágua quente.  
Alegra, canáia da canela suja!...

A essa exortação, o vozerio da molecada irrompia ainda mais forte. Concomitantemente, descia o palhaço para o meio da rua, ali executando cambalhotas diversas, findas as quais de novo escanchava sobre o jumento, prosseguindo em seu mister.

Vezeas várias me confundi entre os do grupo, gritando e cantando a pano solto. Quando, porém, chegava o momento de marcarem os meninos do palhaço, que pelo seu trabalho faziam jus a um ingresso, procurava afastar-me destes sorrateiramente. Se aquela marca fosse no braço ou mesmo em alguma costela, de

certo que me arriscaria. Mas, na testa não. Seria forçosamente identificado em casa e a **palmatória** teria de vibrar ao contacto da **resistência** oposta pelas **minhas mãos**.

Desarmado o circo, voltávamos à insipidez das **músicas de couro** e dos raros piqueniques a que nem sempre comparecíamos, pois **havia** o perigo da cachaça, de que alguns rapazes usavam e abusavam freqüentemente.

\*

\* \*

Com o decorrer dos tempos, porém, outras atrações foram empolgando o nosso espírito, decrescendo de importância tais folganças populares.

De início, e já no Crato, o **Cine-Paraíso**, pessimamente instalado, teve a sua fase de grande atração para todos nós. Perder uma sessão cinematográfica equivalia a um castigo inominável. Teríamos de diligenciar doidamente, contanto que, às quintas e aos domingos, tivéssemos os Rs. \$ 300 indispensáveis a um ingresso de segunda classe. Pedro Sapiranga, sob as vistas do gerente Manuel Silvestre, era um porteiro duro e não fazia conosco nenhuma camaradagem.

\*

\* \*

As representações dramáticas no Prédio Vicentino, de duração efêmera aliás, e, principalmente as festas esportivas promovidas pelo "Crato Foot-Ball Club", foram outras tantas causas de progresso de nossa cidade, que marchava a passos largos.

Uma trinca respeitável, composta do Dr. Manuel Belém de Figueiredo, farmacêutico Raimundo Norões e do senhor Antônio Soares, empreendera a construção do "Cassino Sul Americano", cuja inauguração festiva ocorreu na segunda metade do ano de 1920, tornando a nossa vida diversional ainda mais dinâmica.

Com efeito, além da seção de bilhares e de um bar, passara a funcionar, em amplo salão, o melhor cinema de quantos existiam na região do Cariri.

As películas de Eddie Polo e de Harry Carey, grandes

"astros" da cena muda, eram ali exibidas com muita freqüência. Depois, eis que surge uma grande novidade: os filmes em série. O primeiro a ser levado à tela foi: — **A Bala de Bronze**, provocando na cidade verdadeira revolução. Ao se aproximar o fim do segundo episódio, o entusiasmo generalizava-se fazendo sentir os seus efeitos até mesmo na orquestra que acompanhava em surdina o desenrolar das cenas. Na verdade, Vicente Sofia, com o seu barítono desafinado, desgraçava a melodia da valsa já conhecida pelo nome de filme, inteiramente empolgado pelo que ia ocorrendo na tela.

As sessões tornaram-se concorridíssimas e o empresário, Dr. Rolim, sorria prazerosamente.

\*

\* \*

No entanto, para nós, simples caixeiros de poucos haveres materiais, um embaraço muito sério se fez sentir nas reuniões mundanas que então se realizavam.

Alfredo Gonçalves, por alcunha o **Alfredão**, não nos tolerava, reservando a si o direito de escoimar a boa sociedade de tais ratos de gaveta.

O homem exercia sobre nós uma fiscalização muito severa e se, por uma cavação especial, conseguíamos que um convite nos fosse endereçado, ele o retirava dentre os demais destinados à distribuição, de modo a triunfar o seu desarrazoado ponto de vista.

Alfredão era uma espécie de empresário das festas dançantes e todos nós teríamos de sentir os efeitos de sua injustificada "marcação".

Bailes e mais bailes ficávamos a serenar, vendo os nossos amigos em saracoteios com as nossas namoradas, sem que pudéssemos reagir. É que a figura enorme de Alfredão, à maneira daquele Javet de que nos fala Victor Hugo, não nos deixava nunca, como se fôssemos outros tantos Jean Valjeans, acossados pela justiça.

Aquilo foi-se tornando irritante e não víamos como poder agir, sem provocar escândalo.

Apelamos para a influência de alguns amigos. E porque as interferências em nosso favor não surtiam resultado satisfatório, resolvemos utilizar a força bruta.

Preliminarmente, tivemos o cuidado de quebrar a bonita placa de vidro com letras douradas que Alfredão colocara na parede da **Pensão Avenida**, de sua propriedade.

Depois, passamos a hostilizá-lo abertamente, invadindo certos salões e tomando parte nas danças, contra os protestos do ditador.

Eurico Medeiros e eu, ambos possantes e destemidos, quase sujigamos o Alfredão, no momento em que, denunciando a nossa intromissão num baile carnavalesco, em tom pejorativo, chamavamos — **goteiras**.

Mas, enquanto o nosso gratuito desafeto permanecia absorvido em suas atividades sociais, com a presunção de um verdadeiro líder, nós outros estudávamos, fazíamos versos e artigos para os jornais, conquistávamos com muito esforço um lugar ao sol.

Seria razoável, portanto, que também desejassemos atuar na boa sociedade, reclamando para nós uma parcela de alegria que contrabalançasse as canseiras profissionais e as decorrentes dos nossos estudos.

Com Zé de Vanja, Balduino, Libório e vários outros, passamos a promover festas distintas e freqüentadas pela boa sociedade.

Nesse empreendimento, duplamente significativo, contamos com a influência do coronel Luiz Teixeira, personalidade de marcante projeção no comércio e na melhor roda de nossa terra.

Jamais Luiz Teixeira e sua esposa, dona Mariinha, recusaram-se a nos ceder o seu confortável palacete, para ali promovermos as nossas danças. Os seus filhos — Newton e Luizinho — eram excelentes pistões, de modo que Alfredão teve de aceitar, como fato irremediável, a formidável concorrência que lhe fazíamos.

Em verdade, se vínhamos triunfando nas nossas lides comerciais, se aproveitamos os retalhos de tempo para estudar com o objetivo de fazer subir o nível cultural de nossa classe, teríamos inevitavelmente de também vencer nese outro campo de ação, de maneira a tirar algum proveito do lado alegre da vida.

\*

\* \*

A luta foi dura e desigual, mas a verdade é que chegou uma

época em que, na cidade do Crato, raramente se fazia uma festa na qual o meu nome não figurasse na comissão organizadora, algumas vezes ao lado daquele intransigente e assustador Alfredãozinho.

Já na era de 1925, após os bailes carnavalescos de Juazeiro, em que ambos tomamos parte, fizemos as pazes completamente.

Daí em diante as nossas relações se tornaram de tal modo amistosas que cheguei a participar de um banquete com que Alfredão obsequiara os seus melhores amigos, entre os quais o Dr. Floro. E o pior de tudo é que tive de fazer-lhe um brinde, formulando votos de felicidade pelo transcurso de mais um dos seus avantajados janeiros, ocorrido naquela data.

*De Memórias - Menoridade (1991)*